

Mulheres na Cultura: pensamento decolonial feminista nas práticas do PET-PPC (2015-2019)

Carla Daniela Rabelo Rodrigues¹

Resumo

O artigo apresenta uma discussão teórica sobre o feminismo decolonial a partir de filósofas e autores fundantes do tema para posteriormente estabelecer uma análise das ações culturais desenvolvidas por mulheres bolsistas do Programa de Educação Tutorial - Produção e Política Cultural (PET-PPC) da Universidade Federal do Pampa, no período de 2015 a 2019. Para tal, foi realizado um levantamento em acervos digitais com objetivo de localizar produções textuais e acadêmicas das estudantes sobre os projetos desenvolvidos no período, sobretudo aqueles com relações diretas ou indiretas à decolonialidade do poder e do saber numa perspectiva feminista. Por meio dos relatos das bolsistas, rememorou-se e recuperou-se suas vozes, suas reflexões e as dimensões decoloniais em seus saberes-fazer críticos que acionaram a universalidade do pensamento contra-hegemônico, a formação libertadora e transgressora, as corpos-potência em coalizões insurgentes e a exploração da universidade e da cidade como espaços de acolhimento e entusiasmo emancipador.

Palavras-Chave: estudos decoloniais; feminismo decolonial; mulheres na cultura; produção cultural.

1. Introdução

O pensamento decolonial ganhou força nas últimas décadas e ocupa centralidade nos principais debates acadêmicos em diversos campos do saber. No campo da cultura essa discussão tem sido feita e se constitui imprescindível para considerar vozes e corpos antes negligenciados e silenciados e para construir novas análises críticas dos fenômenos sociais e artísticos. As filósofas feministas Maria Lugones, Yuderkys Espinosa Miñoso, Lélia Gonzalez, bell hooks e a pedagoga decolonial Catherine Walsh, além de outros teóricos fundadores do campo como o sociólogo peruano Aníbal Quijano e o semiólogo argentino Walter Mignolo nos fornecem algumas pistas hermenêuticas sobre esse pensamento para possibilitá-lo como indissociável das ações culturais. Por isso, esse artigo se debruça em examinar práticas com foco no pensamento decolonial. Delimitamos a discussão nos projetos culturais desenvolvidos por bolsistas do Programa de Educação Tutorial em Produção e Política Cultural (PET-PPC), no período de 2015 a 2019, delimitando uma amostra compreendida por atividades em que as mulheres foram protagonistas e foco nas trocas de saberes, ou mesmo condutoras das ações culturais.

2. Aportes ao pensamento decolonial e aos feminismos

¹ Professora Adjunta do bacharelado em Produção e Política Cultural. Doutora e Mestra em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). E-mail: carlarabelo22@gmail.com

O semiólogo e teórico cultural argentino Walter Mignolo, umas das principais referências nos estudos decoloniais, defende a tese da existência de uma ferida colonial (MIGNOLO, 2007, p. 17), ainda não curada, fruto da violência invasora e do silenciamento de povos que provocou a incorporação de inferioridade nos sujeitos. Aníbal Quijano, sociólogo peruano, também pensador do giro decolonial nos anos 1990, foi integrante do grupo de intelectuais nos EUA, do qual Mignolo também fez parte, que reivindicava a tese de que a modernidade europeia surgiu e se mantém graças à ação colonial nas Américas. Para ele e esse grupo, o conceito marxista de classe não abarcava satisfatoriamente o fenômeno da desigualdade social nos países latino-americanos, porque lhe faltaria a dimensão da experiência colonial (CASTRO, 2019). Por isso, Quijano cunhou o conceito de Colonialidade do Poder como um processo contínuo de dominação a partir de bases demarcadas que envolvem racialização, eurocentrismo e a prevalência do Estado-nação.

Com aportes ao pensamento sobre colonialidade, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007) reflete sobre as linhas cartográficas abissais que separam lados dicotômicos em norte e sul global, uma configuração que reforça o regresso do colonial e do colonizador, além da ascensão do fascismo social. Como alternativa, nos oferece o pensamento pós-abissal também numa perspectiva de coletividade horizontalizada a partir da ecologia de saberes na qual haveria a co-presença radical e igualitária dos saberes diversos, a diversidade epistemológica do mundo como uma contra-epistemologia, o cruzamento de conhecimentos e ignorâncias, e a utilização contra-hegemônica do conhecimento científico para intervenção no real. Caminhos que apontam para minimização de hierarquias e para uma epistemologia desestabilizadora à qual as universidades terão que aderir como ação de avanço ao pensamento decolonial.

Os estudos decoloniais também incorporaram os feminismos e uma das principais referências é a filósofa argentina María Lugones. Ela parte da leitura crítica das teorias de Quijano para estabelecer outros caminhos sobre o conceito de colonialidade incorporando as questões de gênero interseccionalmente com as questões de raça, classe e sexualidade (LUGONES, 2020). Para ela, deve haver uma reorganização do poder a partir da descolonização dos corpos, e redefinições das ideias de separação de gêneros e dicotomia de sexos. Sua teoria propõe também a desconstrução de elementos cunhados pela racionalidade hegemônica (norte global) que sistematiza uma universalidade do pensamento como estratégia de poder. Como alternativa a esse cenário colonial do pensar, seria fundamental um pensamento do sul que considere as mulheres diversas, principalmente aquelas não brancas (negras, originárias), e sujeitas de classes sociais oprimidas (periferias) na tentativa de romper

com o entendimento de que essas corpos/esses corpos estariam categorizadas/os numa cultura subdesenvolvida. Essa lógica patriarcal-capitalista é fruto do padrão racial ao qual estamos submetidas como resultado da estratificação social de herança colonial (LUGONES, 2019).

O valor dessa outra forma de pensar-fazer estaria centrado nas coalizões, alianças, entrelaçamentos, no pensar com outras, pensar juntamente, pensar em comunidade. Para atingir esse ideal, ela propõe uma horizontalidade entre os saberes, os saberes das universidades junto aos saberes fora delas, e que as mulheres possam atuar estrategicamente com propostas de co-teorização e co-participação nos processos.

Na mesma linha de pensamento do feminismo decolonial, a filósofa afro-caribenha Yuderkys Espinosa Miñoso (2009; 2014), discípula de Lugones, discute racismo e opressão de gênero nutridos pelo norte global e pelo privilégio epistêmico. Para ela, diante da instalação da reflexão sobre sujeitas e corpos do feminismo centrada no corpo sexuado e generizado, afastando as políticas de racialização e empobrecimento, as discussões sobre o tema acabam definindo os corpos que importam na América Latina (originalmente Abya-Yala) numa reiteração da colonização geopolítica e discursiva do continente. Ela questiona de forma contundente: “que corpos passaram a ser objeto da representação deste esquecimento e quais ficaram uma vez mais apagados e por quê? (2009, p. 40 - tradução nossa).

A filósofa brasileira Lélia Gonzalez constituiu uma fortuna crítica sobre as questões das/os negras/os na sociedade brasileira influenciada, entre outras, por leituras da obra do filósofo Frantz Fanon e inéditas à época dos anos 80. Para ela, a partir do conceito político-cultural de Amefricanidade (GONZALEZ, 1988), é preciso assumir a dimensão africana nas Américas e Caribe esvaziando aspectos coloniais de inferiorização, desumanização, submissão e subalternização na construção e fortalecimento das identidades. Gonzalez foi uma intelectual orgânica com atuação que indissociava teoria e prática. Era debruçada na vida pública com atuação em grupos ativistas e com produção não circunscrita somente ao meio acadêmico ampliando, portanto, o alcance e a troca de ideias.

Outra referência importante para nos ajudar a construir possibilidades para uma atuação emancipadora foi Bell hooks, uma filósofa estadunidense cujo nome em letras minúsculas reivindica que dêem mais ênfase ao seu trabalho e suas ideias do que ao seu nome. Suas reflexões, influenciadas por Paulo Freire, nos convocam a pensar a partir da pedagogia da autonomia como recurso para desvincular das formações dos estudantes qualquer possibilidade colonizadora ou de perpetuação da dominação (HOOKS, 2017). Para ela, uma sujeita negra insurgente, a educação deve ser uma prática de liberdade e para isso, a sala de aula deve ser um ambiente acolhedor e seguro, um espaço de fomento às descobertas, ao

entusiasmo e ao reconhecimento de cada estudante por meio de seus conhecimentos e suas histórias. Emancipar sujeitos é fazê-los pensar de forma crítica (HOOKS, 2017). Nessa linha, Catherine Walsh (2013) propõe a pedagogia decolonial como uma práxis insurgente irreversível, um modo de vida diante do histórico colonial das Américas.

A incorporação dos pensamentos feministas na discussão sobre decolonialidade, coloca no campo dos debates acadêmicos uma revisão do olhar sobre nossas fontes e um compromisso com nossas práticas. Ademais, as histórias de vida dessas autoras e seus modos de pensar nos colocam numa trilha de possibilidades luminosas para revisitarmos projetos, ações estudantis, possibilidades de ampliação da sala de aula e dos modos de apropriação para autorias coletivas nos fazeres, nas práticas.

3. Práticas feministas decoloniais no PET-PPC (2015-2019)

As teorias decoloniais e seus desdobramentos nos feminismos apontam questões cruciais para as universidades e sua comunidade. Entre 2015 e 2019, na Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul na fronteira com o Uruguai, o Programa de Educação Tutorial - Produção e Política Cultural (PET-PPC) desenvolveu inúmeros projetos e atividades com bolsistas estudantes de graduação coordenados por uma docente-tutora com objetivo de ampliar a sala de aula na indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e gestão. As ações foram desenvolvidas por mulheres e homens majoritariamente não brancos provenientes de classes sociais oprimidas, corpos e corpos em busca de experiências libertadoras.

A partir da discussão social e filosófica que estabelecemos neste artigo, nos debruçamos em acervos digitais em busca de publicações acadêmicas e textos das estudantes no período delimitado, para identificar relatos relacionados ao feminismo decolonial e à reflexão sobre práticas pedagógicas que despertem de forma emancipadora vivacidade e entusiasmo nas/nos envolvidas/os, mas especialmente mulheres protagonistas das atividades. De todas as atividades encontradas, privilegiamos uma amostra representativa com cinco delas que norteiam o modo do pensar-fazer das estudantes-bolsistas e professora-tutora no período trabalhado. A proposta deste artigo é visitar as experiências e novamente escutá-las de modo coletivo. As ações culturais escolhidas são: 1. “Empoderando meninas negras”; 2. Grupo de Estudos sobre Políticas Culturais - Debate sobre o ensaio de Marielle Franco: “Mulher, negra, favelada e parlamentar: resistir é pleonismo”; 3. Projeto Cultura em Debate - Experiências compartilhadas e Ecologia de saberes: “Mulher, negra e cineasta - Palestra com

Joyce Prado”; 4. Projeto Cinecultinho - exibição da animação “Kiriku e os Animais Selvagens”; e 5. Projeto Poéticas Visuais - Exposição de fotos na Galeria Magliani. Por meio de relatos de experiências das atividades e de registros fotográficos, damos a conhecer como foram as devolutivas sobre as experiências, suas criações e execuções, e apresentaremos uma análise final, sem pretensão conclusiva, sobre estes relatos e fotos, e suas relações com as discussões teóricas do feminismo decolonial.

Destacamos que as ações culturais criadas e desenvolvidas pelo grupo PET-PPC (2015-2019) partiam de reuniões e trocas semanais com a professora-tutora onde eram estabelecidas as ideias e problematizações sobre relevância, possibilidades de execução e limitações. Traçava-se agenda de pré-produção, produção e pós-produção como etapas cruciais de estudos do curso de vínculo das e dos estudantes. Encontros semanais que motivaram a dinâmica de criação e o desejo pela práxis, principalmente numa cidade como Jaguarão com menos de 28 mil habitantes e precarizada nas ofertas culturais diversas. Os projetos partiam de um lugar de carência, apostavam em possibilidades a partir da escuta social e também da escuta interna à universidade. Os debates em sala de aula ofereciam pistas para possíveis ações relacionadas à cultura e diversidades presentes na cidade tanto pelos nascidos lá quanto pelos estudantes-migrantes que ali chegam todos os anos oferecendo seus olhares, suas experiências e também se colocando no lugar de aprendizes daquela novidade formativa de vida. As estudantes mulheres apresentavam propostas que envolviam as questões do gênero numa perspectiva desintegradora sobre subalternidade, raça e novos conhecimentos. Desintegrar significava não concordar com as lógicas do sistema capitalista-patriarcal. Por isso, muitas atividades envolviam direta ou indiretamente essas temáticas e a autoria coletiva, conforme relatos escritos pelas estudantes.

3.1. Empoderando meninas negras (relato 1)

Relato de discentes-bolsistas sobre a atividade “Empoderando meninas negras”: Ação de 25/11/2016 promovida pelo PET- Produção e Política Cultural. Essa atividade compôs a programação da 8ª Semana da Consciência Negra e ocorreu no Ponto de Cultura 24 de Agosto. Agradecemos o apoio e contribuição de Mãe Nice e de Shirley Rosa. Também agradecemos às professoras da Escola Municipal Padre Pagliani e a todas as crianças participantes que tornaram esse dia mais empoderado. A sociedade constantemente mina a auto-estima das mulheres, e se esta mulher for negra o faz com ainda mais perversidade. As mulheres estão buscando, cada vez mais, corpos impossíveis para se encaixarem nos ditos padrões de beleza. Agora imaginemos o quanto isto afeta as meninas. Como esse encaixe

forçado se naturaliza para as meninas? Pensando nessas reflexões o PET Produção e Política Cultural propôs o Empoderando Meninas Negras, uma atividade que tem por objetivo proporcionar um diálogo sobre a autoestima das meninas negras. Além de conversar sobre isso, a atividade proporcionou também brincadeiras que colaboraram com este empoderamento (PET-PPC, 2016).

Figura 1: foto da atividade Empoderando Meninas Negras



Fonte: petppc.wordpress.com

3.2. Mulher, negra, favelada e parlamentar: resistir é pleonasma - Ensaio de Marielle Franco (relato 2)

Relato de discentes-bolsistas: No dia 18 de maio de 2018, o Grupo de Estudos em Políticas Culturais abordou o ensaio de Marielle Franco “Mulher, negra, favelada e parlamentar: resistir é pleonasma”, apresentado pelas bolsistas Karina Constantino e Êmily de Araújo e debatido pelos bolsistas Roberto Carso e Tiago Godoy. O texto, que traça um panorama do golpe de 2016, pontuando as opressões enfrentadas por uma mulher ocupando um espaço de poder e evidenciando sua trajetória como vereadora da cidade do Rio de Janeiro, compõe a publicação da coleção CULT/UFBA “O Golpe na perspectiva de gênero”, organizado por Linda Rubim e Fernanda Argolo. A análise integra a seguinte conjuntura: Michel Temer como presidente interino e Marcelo Crivella, bispo ligado a uma das maiores instituições religiosas do país, como atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, município onde a vereadora negra e socióloga com origem na favela da Maré, enfrentava a problemática

de um discurso patriarcal, sistemático, conflituoso em detrimento de a uma política balizada nas relações de gênero, raça e classe. O ensaio evidencia o grande entrave gerado por alianças políticas firmadas entre partidos que não compartilham da mesma ideologia, uma dicotomia marcada pela peleja: de um lado os interesses das classes dominantes construídos sobre pilares moralistas e tradicionais sistematicamente estabelecidos e de outro, estratégias que buscam romper o avanço do capital e desenvolver uma sociedade pautada em razão das diferenças e da dignidade humana. Mesmo se tratando de um texto que discute a triste e recorrente situação de uma sintomática político-social que oprime mulheres, populações negras e indígenas e promove a violência nas periferias através de mecanismos institucionais, principalmente com políticas públicas, que deveriam promover e evidenciar uma sociedade mais justa e igualitária, as palavras de Marielle Franco carregam o otimismo que nos aponta para uma utopia que devemos buscar como fonte, uma força para continuar resistindo e defendendo aquilo que já deveria ser universalmente óbvio, quando se trata dos direitos à vida.

Figura 2: foto Grupo de Estudos em Políticas Culturais



Fonte: petppc.wordpress.com

Em publicação de iniciação científica, as alunas Karina Brisolla, Êmily de Araújo Edwards, Natalia Ney Rodrigues e o aluno Bruno Henrique da Silva Rodrigues discorreram sobre o projeto: o grupo de estudos em Políticas Culturais do Programa de Educação Tutorial do Bacharelado em Produção e Política Cultural (PET-PPC), da Universidade Federal do

Pampa - Jaguarão, realiza debates abertos à toda comunidade acadêmica e externa, estimulando reflexões e contribuindo com a formação na área da cultura. A atividade de pesquisa do grupo PET-PPC fomenta a ampliação das discussões acerca do cenário geral das políticas públicas culturais, suprimindo também uma deficiência presente no plano político pedagógico do curso. No primeiro trimestre de atividade do grupo de estudos, iniciado em maio de 2017, os textos enviados com curadoria da tutora, tratam do panorama geral das políticas culturais nacionais. Os livros trabalhados são publicações dos pensadores Albino Rubim, Lia Calabre e Alexandre Barbalho, autores que possuem primordial relevância para compreender e analisar o percurso da política cultural no Brasil. Na retomada das atividades do ano agosto de 2017 o grupo passou a trabalhar com o tema de políticas culturais em seus campos de atuação, abarcando discussões da produção cultural no âmbito da educação na infância com a autora Sonia Kramer e livros e textos que serão debatidos nos futuros encontros como “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes” de Boaventura Santos e “Políticas Culturais de Acesso ao Cinema Brasileiro: trajetórias e desafios” pelas autoras Elen Geraldine e Milena Carvalho, dando continuidade ao processo de formação e potencializando a rede de saberes na universidade para os 12 integrantes do PET-PPC juntamente com a comunidade acadêmica e externa (BRISOLLA et al, 2017).

3.3. Mulher, negra e cineasta - Palestra online com Joyce Prado (relato 3)

Relato-devolutiva de discentes-bolsistas: Na quinta feira, 10/11/2016, às 11h, o PET PPC, por meio de seu projeto de extensão Cultura em Debate – Experiências Compartilhadas e Ecologia de Saberes, promoveu novo momento de formação e debate sobre questões relevantes e urgentes do contexto cultural brasileiro. Dessa vez, no mês da Consciência Negra, tivemos a palestra online Mulher, Negra e Cineasta, com Joyce Prado, uma aproximação com questões do cinema negro e da mulher negra no audiovisual onde pudemos fazer perguntas e escutá-la sobre os dilemas do setor. Ela é formada em Comunicação Social: Rádio e TV pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e especialista em Roteiro Audiovisual pelo Centro Universitário SENAC. Desenvolve trabalhos na área de cinema documental, ficcional e publicitário, já atuou nas produtoras: Gullane, Produtora Associados, Sagaz Filmes, Geral Filmes, Timore AV e Cinema Zungu. Atualmente, é sócia-fundadora da Oxalá Produções. Seus principais trabalhos: co-diretora websérie ‘Empoderadas’, co-Direção curta ‘Fábula de Vó Ita’(2015); Dir. de Produção ‘Sol’ Timore AV, Roteirista na série ‘Rua 9

– EP 06’ Dandara Produções e Roteirista e Diretora de Produção no curta ‘Muros Entre Nós’ (2014) Prod. Cinema Zuniu (PET-PPC, 2016).

Figura 3: foto da palestra online com Joyce Prado



Fonte: petppc.wordpress.com

As alunas Pollyanna Cardoso e Damaris De Lima Santos juntamente com os discentes Breno de Melo de Araújo Brito e Renato Vieira De Lima publicaram um trabalho acadêmico sobre o projeto Cultura em Debate - Ecologia de Saberes. Segundo relato delas: o projeto visa trabalhar com temáticas e saberes pouco reconhecidos e de cunho pós abissal. Trata-se da valorização de conhecimentos populares, periféricos, de origem de luta, não hegemônicos, dos oprimidos, dos discriminados, e não somente aos conhecimentos legitimados pelas universidades. Em virtude disso, a ideia do pós-abissal, aponta para a diversidade do mundo de forma inesgotável. Dentro do projeto de extensão inspirado na ecologia de saberes são ofertados minicursos de temas como, fotografia, arte-educação, arteterapia e palestras presenciais com especialistas de áreas específicas relacionadas à produção cultural. Além disto, também são feitas parcerias com professores de outros cursos e nomes políticos da cidade. Concluímos que é fundamental a promoção da ecologia dos saberes cada vez mais efetiva, e que o pensamento e comportamento pós-abissais sejam gradativamente predominantes nos espaços mais estruturantes de nossa sociedade (CARDOSO et al, 2017).

3.4. Cinecultinho - Exibição do filme Kiriku e os Animais Selvagens (relato 4)

Relato-devolutiva de discentes-bolsistas: No sábado (19/11/2016), no auditório da Unipampa Campus Jaguarão, foi exibido o filme Kiriku e os Animais Selvagens (2005) que aborda a temática da negritude para as crianças jaguarenses além do cineclubismo. As bolsistas Raicilane Santana e Gezilane Silvestre da Silva são autoras de publicação de iniciação científica (2017) onde relatam sobre o projeto: promoveu exibições mensais de filmes no auditório da universidade, devido à ausência de atividades culturais para crianças. Esta proposta apoia-se na curadoria de filmes (curtas, médias e longas metragens), em especial animações, com narrativas relevantes à formação cidadã e artística das crianças da cidade.

As exibições fílmicas são pensadas pelos bolsistas do grupo PET-PPC com supervisão da tutora. Nas reuniões semanais, o grupo discute as possibilidades para a atividade, realizam uma curadoria de filmes, levando em consideração a classificação indicativa, a representação das diversidades e dos temas sociais. A curadoria preocupa-se ainda em priorizar filmes fora do circuito comercial e que destoe da lógica blockbuster. São utilizados recursos, majoritariamente audiovisuais, no entanto, em algumas exibições são realizadas atividades lúdicas que tenham relação com o filme exibido. Estas atividades planejadas contemplam desde desenhos, pinturas até construção de brinquedos variados. A eficácia do projeto se manifesta por meio do reconhecimento da comunidade, através de convites de algumas escolas municipais para execução do mesmo e com os relatos de bolsistas sendo abordados por crianças, adolescentes e responsáveis, buscando informações das próximas exibições e salientando a importância do trabalho dos discentes no fomento de ações culturais para a população infantil dessas comunidades marginalizadas.

A proposta idealizada, organizada e executada pelo grupo PET-PPC funciona enquanto uma alternativa para os autoritarismos, ausências e instabilidades tão presentes na cena cultural Jaguareense. O Cinecultinho permite que as crianças agucem o olhar tanto no que tange à formação estética audiovisual quanto no que tange às temáticas abordadas, já que recorrentemente os filmes tratam de temas sociais importantes, como por exemplo a questão de gênero, étnico raciais, dentre outros. É possível ainda perceber o Cinecultinho como um espaço educativo não-escolar e de formação cultural que proporciona novos olhares sobre as temáticas abordadas, construindo um repertório fílmico, estético e informacional para as crianças, as levando a uma formação-reflexão crítica (SANTANA, DA SILVA e RODRIGUES, 2017).

Figura 4: foto de sessão do Projeto Cinecultinho



Fonte: petppc.wordpress.com

3.5. Poéticas Visuais (relato 5)

Relato-devolutiva de discentes-bolsistas: Projeto Poéticas Visuais - 09/05/2018. A Galeria Intercultural Magliani (GIM), na Unipampa, durante este mês, abriga a exposição de um dos projetos do PET – PPC, o Poéticas Visuais. A Exposição Poéticas Visuais compõe as atividades que celebram os dez anos de criação da Universidade. O projeto Poéticas Visuais foi idealizado pela tutora do grupo e existe enquanto uma manifestação do olhar poético dos estudantes sobre a cidade de Jaguarão. Executado através do Facebook, o projeto já conta com mais de cem fotografias e demonstra a beleza nos traços corriqueiros do dia a dia. A curadoria da exposição foi realizada pela ex-bolsista Damaris de Lima, graduada em 2017 no bacharelado em Produção e Política Cultural.

A escolha das fotos priorizou a vida em Jaguarão e o cotidiano universitário. Dez autores compõem a exposição que conta com um total de quinze fotografias. Crismara Gaia, formada pelo curso de Pedagogia, fez um belíssimo registro de um dos maiores mascotes da Unipampa, o pequeno Gigante. Do curso de Produção e Política Cultural, Milena Cristina Almeida, que se formou com um TCC sobre diretoras de cinema, exhibe marcas da resistência da mulher. Bruno Lamas, faz um recorte visual de um de seus curta-metragens, e demonstra a poética em uma taça de vinho. Emily Edwards e Greicymarri Ávila valorizam o pôr do sol jaguarense, uma das maiores belezas da cidade. Um pássaro vive o paradoxo da liberdade na fotografia do ator Breno Santareno. Thaís Fernanda Raposo desce o seu olhar por uma rua

típica de Jaguarão, que para os que não são daqui, sempre geram memórias. Niel Nie traz a poética das pixações (filosofias) locais. Um pássaro contemplativo, um gato de olhar certo e a semana da consciência negra representam de alguma forma o que Luis Atila levou de Jaguarão após terminar a graduação e voltar para casa. Camilla Lourenço transita o seu olhar pelo movimento de resistência, de pessoas e da natureza. A exposição mostra a beleza de viver em Jaguarão. A poesia está por todos os lados, às vezes só é preciso um incentivo para enxergá-la. Esse é o Poéticas Visuais (PET-PPC, 2018).

Figura 5: foto da exposição Poéticas Visuais



Fonte: petppc.wordpress.com

As bolsistas Natalia Ney Rodrigues e Camilla Coutinho (2016), em publicação acadêmica, discorreram sobre o projeto Poéticas Visuais: as atividades tinham como foco principal produzir e divulgar fotos, através da página da equipe no Facebook, que demonstravam o cotidiano e a realidade dos alunos da Universidade Federal do Pampa na cidade de Jaguarão. São registros poéticos da cidade e do ambiente da universidade, suas vivências e descobertas.

O projeto reitera a proposta de educação estética para a experiência da beleza que nasce da relação objeto e consciência. Desta maneira, o projeto tem o objetivo de fomentar os conhecimentos fotográficos dos alunos, incentivar os olhares artísticos e impressões visuais, trabalhar as perspectivas artísticas e socioculturais. A atividade funciona por meio de chamadas públicas, e qualquer aluno da instituição que tenha o interesse em ter suas fotos publicadas na página PET Produção e Política Cultural pode enviar suas fotografias. A partir dos envios, acontece entre o grupo um processo de curadoria temática para definir quando e

quais fotos serão publicadas e divulgadas. Esse processo promove um grande enriquecimento curatorial para os bolsistas. O projeto deu início a um processo de descobrimento de potenciais fotógrafas/os no campus, no entanto, o mais importante, foram aqueles que descobriram na fotografia uma maneira de tornar a cidade, longe do seu lugar de origem, um ambiente mais convidativo e agradável. Durante o último recesso de férias, foi criado o Poéticas Visuais Viagens, contemplando também as cidades e lugares visitados pelas/os alunas/os durante esse período (COUTINHO, NEY RODRIGUES e RODRIGUES, 2016).

4. Análise das experiências estudantis feministas decoloniais

Reviver memórias, recorrer ao passado, assentar emoções, perceber processos emancipatórios... A escuta das estudantes por meio de seus relatos sobre projetos evidentemente críticos e libertários nos faz perceber outros elementos gigantes àquela época para além de algo cotidiano ou de mais um compromisso de trabalho acadêmico como os tantos outros. Esses relatos recuperam percepções de valorização de um ecossistema do saber-fazer universitário como lugar de compromisso social filosoficamente engajado e de muito trabalho junto às localidades onde o campus está instalado. Demonstra um trabalho inesgotável fomentado pelo desejo discente e docente em criar experiências novas. Nesses relatos sobre a práxis, reconhecemos aspectos inerentes ao pensamento de Lugones (2019; 2020) como a universalidade dos pensamentos proporcionados por mulheres não brancas (hooks, 1992), por sujeitas de classes sociais subalternizadas pela colonialidade do poder geopolítico, por corpos-potência (ESPINOSA MINOSO, 2009) que propuseram coalizões, autoria coletiva, e um pensar-atuar junto propondo temáticas abertas a questões como mulheres, negritude, dimensão africana presente na vida pública (GONZALEZ, 1988) do Rio Grande do Sul, processos criativos ou na dimensão do sensível.

Percebe-se nos relatos a expansão da sala de aula para novos espaços dentro da universidade, para as ruas, para outros cantos da cidade enquanto ambientes acolhedores, seguros, com entusiasmo e reconhecimento de cada estudante como sujeitas pensantes que carregam seus próprios conhecimentos somados aos novos saberes-fazeres proporcionados pela universidade. Práticas com autorias coletivas que mesmo antes da pandemia de Covid-19 já conviviam com a precariedade e encontravam caminhos para obter contato com vozes insurgentes por meio de palestras online, ou ainda experimentavam processos artísticos com materiais e gestos poéticos num contexto sociocultural e uma paisagem que passa de hostil ao encontro consigo e com o outro diverso. Projetos que buscavam nas estudantes um exercício das formas plurais de olhar para a cidade de Jaguarão, para seus moradores, crianças, idosos,

para as mulheres, migrantes, estudantes, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, e demais diversidades em trânsito. A universidade explorada em sua potencialidade de lugar de conhecimento, mas também de espaço cultural para além da sala de aula, sempre indissociando teoria e prática como forma de garantir a experiência profunda provocada majoritariamente por mulheres insurgentes.

Referências

CARDOSO, Pollyanna; RODRIGUES, Carla et al. Cultura em debate - Ecologia de Saberes: Relato de experiências compartilhadas em Jaguarão/RS. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 3, 2017.

CASTRO, Susana. *O feminismo decolonial*. Em: Dossiê “Aníbal Quijano, o mundo a partir da América Latina”. *Revista Cult*, n. 248, 2019.

COUTINHO, Camilla.; NEY RODRIGUES, Natalia.; RODRIGUES, Carla. *Relato de experiência: Poéticas Visuais - PET Produção e Política Cultural*. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 8, n. 2, 28 fev. 2020.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. *Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional*. *Revista venezolana de estudios de la mujer*, v. 14, n. 33, p. 37-54, 2009.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. *Una crítica decolonial a la epistemología feminista crítica*. *El cotidiano*, n. 184, p. 7-12, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. *Representing Whiteness in the Black Imagination*. In: NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence (eds.). *Cultural Studies*. Routledge, 1992.
LUGONES, María. *Colonialidade e Gênero*. In: Hollanda, Heloisa. *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decolonias*. Rio de Janeiro: Bazar: 2020.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo decolonial*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 356-377.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Gedisa, 2007.

PET-PPC. Programa de Educação Tutorial, gestão 2015-2019. Atividades disponíveis em: <https://petppc.wordpress.com/>

Debate online *Produção Cultural de Egressas*. Projetos PPCULT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4rWH5RI7cQ>

RODRIGUES, Carla D.R.; Rodrigues, Bruno et al. Grupo de Estudos em Políticas Culturais: reflexão, formação e transformações. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 2, 2017.

SANTANA, Raicilane; DA SILVA, Gezilane Silvestre; RODRIGUES, Carla Daniela Rabelo. Cinecultinho: uma experiência de produção cultural para crianças. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 3, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, p. 71-94, 2007.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (org). *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 23-68.

Mujeres en la cultura: pensamiento decolonial feminista en las prácticas del PET-PPC (2015-2019)

Resumen

El artículo presenta una discusión teórica sobre el feminismo decolonial a partir de filósofas y autores fundadores del tema, para luego establecer un análisis de las acciones culturales desarrolladas por mujeres becarias del Programa de Educación Tutorial - Producción y Política Cultural (PET-PPC) de la Universidad Federal del Pampa, de 2015 a 2019. Para ello, se realizó un relevamiento en acervos digitales con el fin de ubicar las producciones textuales y académicas de las estudiantes sobre los proyectos desarrollados en el período, especialmente aquellos que tienen relación directa o indirecta con la decolonialidad del poder y del conocimiento desde una perspectiva feminista. A través de los relatos de las becarias se recordaron y recuperaron sus voces, sus reflexiones y las dimensiones decoloniales en su saber crítico, que resaltaron la universalidad del pensamiento contrahegemónico, la formación liberadora y transgresora, los cuerpos-poder en coaliciones insurgentes y la exploración de la universidad y la ciudad como espacios de acogida y entusiasmo emancipador.

Palabras-clave: estudios decoloniales; feminismo decolonial; mujeres en la cultura; producción cultural.

Femmes dans la Culture: pensée décoloniale féministe dans les pratiques PET-PPC (2015-2019)

Résumé

L'article présente une discussion théorique sur le féminisme décolonial de philosophes et auteurs fondateurs de la matière, pour ensuite établir une analyse des actions culturelles développées par les femmes boursières du Programme d'enseignement par tutorat – Production et politiques culturelles de l'Université fédérale de Pampa, de 2015 à 2019. Pour cela, une enquête a été réalisée dans les collections numériques afin de localiser les productions textuelles et académiques des étudiants sur les projets développés dans la période, en particulier ceux qui sont directement liés ou indirectement avec la décolonialité du pouvoir et du savoir dans une perspective féministe. À travers les histoires des boursiers, leurs voix, leurs réflexions et les dimensions décoloniales de leurs connaissances critiques ont été rappelées et récupérées, ce qui a mis en évidence l'universalité de la pensée contre-hégémonique, la formation libératrice et transgressive, le corps-pouvoir dans les coalitions insurgées et la exploration de l'université et de la ville comme espaces d'accueil et d'enthousiasme émancipateur.

Mots clés: études décoloniales; féminisme décolonial; les femmes dans la culture; production culturelle.

Women in Culture: feminist decolonial thinking in PET-PPC practices (2015-2019)

Abstract

This paper presents a theoretical discussion about decolonial feminism from philosophers and founding authors of the theme, to later establish an analysis of cultural actions developed by women with scholarships from the Tutorial Education Program - Production and Cultural Policy (PET-PPC) of the Federal University of Pampa, from 2015 to 2019. To this end, a survey was carried out in digital collections in order to locate students' textual and academic productions about the projects developed in the period, especially those with direct or indirect relationships to the decoloniality of power and knowledge from a feminist perspective. Through the scholarship holders' reports, their voices, their reflections and the decolonial dimensions in their critical know-how were recalled and recovered, which triggered the universality of counter-hegemonic thinking, the liberating and transgressive formation, the bodies-power in insurgent coalitions and the exploration of the university and the city as spaces for welcoming and emancipating enthusiasm.

Keywords: decolonial studies; decolonial feminism; women in culture; cultural production.